

# AS VINHAS DA IRA: UM ENCONTRO ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA DO TRABALHO

Aparecida Darc de Souza<sup>1</sup>.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Este artigo foi produzido a partir de minha participação, em 2008, no “*II Ciclo de Oficinas: cinema, literatura e trabalhadores: trabalhadores em movimento*” organizado pelo Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais UNIOESTE-PR. O objetivo desta atividade era promover por meio da articulação entre cinema e literatura a análise histórica da situação dos trabalhadores na sociedade capitalista. Trata-se de um projeto que buscava, a partir do diálogo crítico com o tempo presente, incentivar a reflexão e a investigação histórica entendida como instrumento da luta social dos trabalhadores. Deste ponto de vista, tratava-se de colocar o trabalho e as reflexões características da pesquisa histórica a serviço da construção de um conhecimento que instrumentalizasse os trabalhadores nos enfrentamentos dos dilemas e problemas vividos na atualidade.

Considerando a dramática situação de desemprego que vem caracterizando a vida da classe trabalhadora nas últimas décadas no Brasil e no mundo, a segunda edição do *Ciclo de Oficinas* pautou a discussão sobre os processos históricos que engendraram significativos deslocamentos populacionais em busca de trabalho. Para desenvolver esta proposta de oficina apresentei para análise e discussão o livro *As Vinhas da Ira*, escrito por John Steinbeck e publicado em 1939. O romance, ambientado no período da grande crise de 1930, estrutura sua narrativa em torno da migração de colonos agrícolas norte-americanos da região de Oklahoma para a Califórnia.

De fato, houve a partir do início da década de 1930 uma grande migração de antigos arrendatários e pequenos agricultores falidos em direção à Califórnia em busca de trabalho e terras para cultivar. Este êxodo foi provocado por dois fatores. A grande procura por produtos agrícolas durante a I Guerra Mundial fez crescer a atividade em todo o país assim como nas planícies das regiões de Oklahoma, Texas, Kansas e

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela USP. Professora do Colegiado de História da UNIOESTE-PR das disciplinas de História Contemporânea e de Prática e Metodologia do Ensino de História.

Arkansas onde predominou a cultura do trigo. Entretanto, a década de 1920 foi marcada pela contínua queda nos preços dos gêneros agrícolas. Segundo Veiga (2007, p.74.):

*“Em apenas um ano o preço do bushel de trigo despencou de mais de dois dólares para menos de um. No geral, os preços agrícolas caíram pela metade”.*

Em 1929-1933 as receitas dos agricultores desceram 50% e muitos agricultores faliram. Este processo, porém, não implicou numa redução da produção. O que houve foi uma maior concentração da terra e introdução da mecanização em substituição ao trabalho do agricultor. Entre os anos de 1920 e 1929, a renda recebida sob a forma de renda lucros, juros ou rendas fundiárias cresceu 45% e as rendas advindas do trabalho cresceram apenas 13% (VEIGA, 2007, p.81).

Para piorar, no início dos anos de 1930 uma grande seca destruiu os campos de trigo. Esta seca foi agravada por tempestades de poeira que prosseguiram durante quase toda a década transformando quase toda a região das Grandes Planícies Meridionais que ficou conhecida como “Dust Bow” (Tigela do Pó).



Tempestade de Poeira, em 1935 no Condado de Cimarron, Oklahoma.

(Fonte: Foto retirada do livro de LEUCHTENBURG, W. E.(org) **O século inacabado: a América desde 1900**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976 p. 421)

Nesse quadro, tornou-se difícil para muitos fazendeiros pagar suas dívidas com os bancos. Muitos agricultores perderam suas terras para os bancos e aqueles mais afortunados investiram na mecanização da produção e para honrarem suas dívidas

expulsaram seus arrendatários para ampliar suas margens de lucros. Foi nesta conjuntura que centenas de famílias da região das planícies meridionais migraram em busca de lugares como a Califórnia que oferecia trabalho na colheita de frutas e de algodão.



Mapa da Rota 66. Fonte: Disponível em: <http://memoriavirtual.net/wp-content/uploads/road66.gif>

*A Rota 66, estrada que ligava Chicago a Califórnia ou The Mather Road como Steinbeck a definiu em seu romance, mostra o caminho da migração dos agricultores para a Califórnia.*

A história desta emigração de famílias de agricultores para a Califórnia é o centro do argumento do romance de Steinbeck. A saga da família Joad é o fio condutor que permite ao leitor compreender a trama histórica que produziu de um lado a transformação do fazendeiro em negociante, em latifundiário, administrador de uma indústria e de outro a proletarização do pequeno produtor como resultado da concentração da terra.

As questões suscitadas pela leitura do romance a partir da problemática pautada pela proposta do *ciclo de oficinas* foram muitas e dificilmente poderiam ser sintetizadas neste breve artigo. Diante disto, procurarei apenas introduzir a discussão de como o romance *As Vinhas da Ira* expressou, em seu tempo, um importante esforço de crítica à lógica da expropriação fundiária engendrada pelo desenvolvimento do capitalismo monopolista baseado no crescimento das corporações, na expansão do capital financeiro, da mecanização da atividade agrícola.

Para tanto, estruturei o artigo em dois momentos. O primeiro visa apresentar ao leitor a obra como testemunho histórico, como memória do drama vivido pelos trabalhadores nos EUA durante a grande crise de 1930. O segundo momento procura discutir, como a narrativa construída por Steinbeck, independentemente de seu posicionamento ideológico abertamente democrata, explicita o fato de que o capitalismo está estruturado num processo constantemente renovado de expropriação dos trabalhadores.

O quadro de crise econômica e social que definiu os anos 30 do século passado nos EUA foi também o momento de surgimento de inúmeros estudos pautados pela questão social. Ao mesmo tempo em que esta década se distinguiu pelo recrudescimento da pobreza e da miséria no país, num processo que mudava a fisionomia daquela sociedade, por outro lado, os anos de depressão foram segundo Graham Jr.(1976, 435) marcados também por:

*“ (...) um arranco de introspecção e realismo sociais, um interesse intenso pela vida dos pobres, aqueles a quem Michael Harrington chamaria de os outros americanos.”*

Graham observou também que as mesmas questões que suscitaram estudos sobre a situação dos grupos sociais formados por colonos, trabalhadores agrícolas itinerantes, índios, negros e até mesmo trabalhadores brancos não qualificados do setor industrial foram abordadas também pela ficção literária. Trata-se de uma farta produção composta, segundo Graham por obras de menor valor literário<sup>2</sup> mas que são “ *a prova da consciência de classe no pensamento americano*” e por obras de grandes romancistas<sup>3</sup>.

Steinbeck fez parte desta geração literária que escreveu sobre os sofrimentos dos trabalhadores empobrecidos durante o período da grande depressão nos EUA. Nascido

---

<sup>2</sup> *Land of Plenty* (1934), de Robert Cantwell, *The Foundry* (1934), de Albert Halper, *To make may bread* (1935), de Grace Lumpkin, e *Call Home the Heart* (1935). (GRAHAN, 1976, 436)

<sup>3</sup> Além de Steinbeck, Graham citou também outras obras literárias que indicam a força desta produção nos Estados Unidos nos anos de 1930. Assim segundo o autor: “*O período produziu a esplendorosa trilogia U.S.A (1301036) de John Passos (...) Tobacco Road (1932), de Erskine Caldwell, uma história dos colonos da Geórgia; a trilogia Suts Lonigan (1932-1935), de James T. Farrell, poderosa evocação do ónus físico e psicológico da vida da classe média inferior urbana; This Body teh Earth (1935), de Paul Green, um romance de presidiários e da vida penal no Sul; native Son (1940), de Richard Wright, a narrativa por um escritor negro da vida de um jovem negro num gueto urbano; As i Lay Dying (1930) e Light in August (1932), de Willian Faulkner, dois inesquecíveis romances no ambiente do Mississipi rural (..) e o best seller de John Steinbeck, The Grapes of Wrath (1939), um romance sobre colonos agrícolas em fuga da região de secas de Oklahoma para a Califórnia.*” (GRAHAN, 1976, 436-7)

em 1902, na cidade de Salinas do Estado da Califórnia, filho de um contador e de uma professora John Ernest Steinbeck viveu e acompanhou de perto a situação dos trabalhadores.

Muito embora sua condição social tenha lhe permitido estudar, começou a trabalhar cedo. Em Salinas, passava as férias nas fazendas da redondeza na colheita ao lado de trabalhadores itinerantes. Durante o período que esteve na Universidade, conjugou os estudos com diferentes formas de trabalho para se sustentar. Sua relação com o mundo do trabalho e dos trabalhadores permaneceu mesmo quando começou a escrever e trabalhar como jornalista e escritor. Em 1936, no início de suas atividades como jornalista, quando foi convidado por um amigo do jornal *San Francisco News* para fazer uma reportagem sobre a situação de migrantes acampados em King's County, na Califórnia aprofundou sua relação com estes trabalhadores. Steinbeck viveu com estes migrantes e viajou até a região de origem para entender as razões que os fizera partir. Sobre estas pessoas que, como ele definiu “era gente boa e corajosa”, escreveu sete artigos publicados pelo *San Francisco News*.

Esta série de artigos permite-nos perceber que *As Vinhas da Ira* é um romance em que a ficção e a imaginação de Steinbeck estão fortemente impregnadas de uma relação muito estreita com a experiência social dos trabalhadores. Ele percorreu diversos acampamentos formados por estas famílias de trabalhadores itinerantes com as quais ele conviveu de perto. No artigo *Os Ciganos da Colheita: acampamentos de posseiros*<sup>4</sup>, Steinbeck descreveu em detalhes como viviam as famílias que perambulavam pelas estradas:

*“Os acampamentos de posseiros localizavam em toda a Califórnia. Vejamos como é um dos mais comuns. Localiza-se nas margens de um rio, perto de um canal de irrigação ou numa estrada secundária onde haja alguma fonte d’água. De longe parece um depósito de lixo, e não admira, já que os depósitos de lixo são a fonte do material com qual é construído. A gente vê um monte de trapos sujos e ferro velho, de casa feita de mato, de latas amassadas ou de papel. Só chegando perto é que poder ver que são lares.”* (BENSON, 2004,105)

Acompanhando estas famílias ele observou como a falta de perspectiva de emprego, a falta de trabalho, a pobreza, iam roubando de maneira crescente a dignidade

---

<sup>4</sup> Artigo publicado por Steinbeck no *San Francisco News* em outubro de 1936 que podem ser encontrados no livro de Susan Shillinglaw e Jackson J. Benson *John Steinbeck- A América e os americanos e ensaios selecionados*.

destes tantos homens e mulheres que migraram em busca de trabalho e de terra para sobreviver. O convívio de Steinbeck com estes trabalhadores imprimiu à narrativa do romance uma descrição realista que explicitava a pobreza como um fenômeno social, mas sem deixar de ressaltar os aspectos subjetivos daquelas pessoas subjugadas pela tragédia da fome, pela falta de moradia e de trabalho.

Em *Fome sob as laranjeiras*<sup>5</sup> o leitor encontra um dos principais argumentos apresentado por Steinbeck para explicar a migração de tantas famílias empobrecidas do meio-oeste para a Califórnia:

*“Mas aí o pó e os tratores começaram a expulsar os meeiros de Oklahoma, Texas, Kansas de Arkansas. Famílias que tinham vivido muitos anos nas pequenas terras de meeiros foram despojadas porque as terras pertenciam aos bancos e financeiras, e porque estes proprietários descobriram que um homem com um trator podia fazer o trabalho de dez famílias de meeiros. Frente à questão de passar fome ou ir embora, essas famílias despojadas vieram para o Oeste”* (BENSON, 2004, 113)

No romance esta percepção sobre o significado das transformações produzidas pela mecanização na agricultura orientadas pelos interesses do mercado e dos bancos é traduzida nos diálogos entre os personagens do romance como pode ser observado nestas passagens:

*“As coisas ‘tão feias – disse o motorista. (...) Os homens estão abandonando as terras – foi falando. –Cada trator enxota dez famílias. Tá cheio de tratores por ali, agora. Rasgam a terra e os arrendatários dos campos vão saindo.”* (STEINBECK, 1972, 20)

*“Afim, os donos das terras desembuchavam. O sistema de arrendamento, de divisão de safra, não dava mais certo. Um só homem, guiando um trator, podia tomar o lugar de doze ou catorze famílias inteiras. Pagava lhes um salário pequeno e obtinha-se toda a safra. Era o que iam fazer. Não gostavam de ter que fazê-lo, mas que remédio? Os monstros, que eram os bancos, exigiam o seu tributo. E os monstros não podiam esperar mais.”* (STEINBECK, 1972, 47)

*“Mas por que mandaram o povo embora? – disse Joad. – Oh, eles disseram muita coisa. Tu sabe que anos infernais nós tivemos aqui, não sabe? Aquela poeira desgraçada veio e acabou com tudo, a gente não fazia sagra bastante pra encher um cesto. E todo mundo fez dívida nas venda e nos armazém.*

---

<sup>5</sup> Artigo publicado por Steinbeck no *San Francisco News* em outubro de 1936 que podem ser encontrados no livro de Susan Shillinglaw e Jackson J. Benson *John Steinbeck- A América e os americanos e ensaios selecionados*.

*(...) Bem, os donos da terra disseram: 'O que os arrendatário levam é justamente o nosso lucro'. E disseram ainda: 'Precisamos juntar as terras, pra ter um lucrozinho'. Então mandaram os tais dos trator, que expulsaram os moradores e arrasaram todas as casas. (...) E agora estão enchendo ela de algodão até não poder mais."* (STEINBECK, 1972, 65)

Em *As Vinhas da Ira* ou nos artigos para os jornais, as palavras escritas por Steinbeck cumprem o papel de testemunho da história da expropriação dos camponeses na primeira metade do século XX nos Estados Unidos. Esta história nos remete a algumas ponderações feita por Virginia fontes sobre a natureza da dominação e da exploração características da sociedade capitalista:

*"Qualquer dominação de classe depende da exploração do sobretrabalho da maioria da população por uma classe que controla as condições sociais de produção. A maneira histórica e peculiar do capitalismo reside na exploração de trabalhadores formalmente livre. Esta 'liberdade' resulta da expropriação da maioria da população das condições de assegurar a própria subsistência (...). A expropriação foi condição para o surgimento do capitalismo e iniciou-se sobretudo através da expulsão dos camponeses (...) Acostumamos a designar esse processo de expropriação dos trabalhadores como acumulação 'primitiva', esquecendo-nos que ele precisa ser não apenas conservado como também reproduzido em escala sempre crescente. (FONTES, 2008, 24)*

O drama social vivido pelos trabalhadores itinerantes apresentado no romance *As Vinhas da Ira* é um poderoso exemplo de como a história da expropriação não está encerrada nos primeiros anos do desenvolvimento do capitalismo. Mas ao contrário se produz e reproduz no sentido de garantir a crescente acumulação do capital. O crescimento da atividade agrícola no oeste e no leste dos EUA dependeu no violento e desumano processo de expropriação de pequenos produtores e meeiros em favor dos grandes proprietários, dos bancos e da indústria alimentícia. Transitando entre a ficção e a não ficção Steinbeck conseguiu registrar e contar um pouco desta história do ponto de vista daqueles dos trabalhadores.

## REFERÊNCIAS

- BENSON, J. J & SHILLINGLAW (Orgs). John Steinbeck – A América e os americanos: ensaios selecionados. Rio de Janeiro, Record, 2004.  
FONTES, Virgínia. "Capitalismo, imperialismo, movimentos sociais e lutas de classes". **Revista em Pauta** (Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Nº 21, 2008, p.24.

GRAHAM JR, Ottis L. “Anos de Crise” In LEUCHTENBURG, W. E.(org) **O século inacabado: a América desde 1900**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976, 367-476.

Mapas da Rota 66. Disponível em <http://memoriavirtual.net/wp-content/uploads/road66.gif>. Acesso em 15 de abril de 2010.

VEIGA, J. E. da . **O desenvolvimento agrícola: uma visão histórica**. São Paulo: Edusp. 2007.